

06 ABR 2001

COISAS DA POLÍTICA

■ TEODOMIRO BRAGA

Jader: depois de ACM, Itamar

O senador Jader Barbalho, presidente do Senado e do PMDB, vai deixar em breve a direção do maior partido do país. A decisão de Jader, porém, não tem a ver com a campanha iniciada pelo governador de Minas, Itamar Franco, na sexta-feira, para forçá-lo a se afastar do comando nacional do PMDB.

O senador paraense havia anunciado sua intenção a este colunista, na quinta-feira. Ele alegou que vinha acumulando os cargos por questão de lealdade a Fernando Henrique nos momentos difíceis enfrentados pelo presidente da República no Congresso no mês passado.

“Tive de assinar a CPI (da Corrupção). Se eu também abrisse mão da presidência do PMDB, isso seria interpretado como gesto de pouco caso com o presidente. Por isso fui obrigado a ficar (na presidência do PMDB)”, explicou Jader na entrevista de quinta-feira.

O “pouco caso” de Jader com Fernando Henrique, nessa questão, teria se configurado com a entrega da presidência do PMDB ao seu vice, o senador goiano Maguito Vilela, no meio da batalha pela criação da CPI da Corrupção. Maguito é visto como um aliado não confiável pelo Palácio do Planalto.

Enquanto Jader aderiu à CPI empurrado pelas circunstâncias, o senador goiano pôs sua assinatura no documento com convicção. Forte candidato ao governo de Goiás nas eleições de 2002, Maguito abandonou há algum tempo o PMDB governista e se bandeou para o grupo que namora a candidatura do governador Itamar Franco à sucessão de FH.

Na avaliação de Jader, o risco de criação da CPI já passou e por isso já não lhe parece tão importante segurar a presidência do PMDB. “Não tive e nem tenho interesse em acumular cargos”, justificava o presidente do Congresso um dia antes de Itamar exigir seu afastamento da direção do partido.

Ao final da sua semana menos conturbada na direção do Senado em dois meses, o senador paraense demonstra alívio pela arrefecimento do caso Banpará, em que é acusado pelos adversários de envolvimento no desfalque no banco estadual do Pará ocorrido na década de 80. “Nunca participei disso!”, afirma Jader, brandindo um parecer da direção do Banco Central, de 1992, que o exclui do escândalo.

O caso Banpará era um dos assuntos do requerimento de CPI que parou faltando duas assinaturas no Senado. “A CPI ficou desqualificada pelos temas desconexos. Ficou uma coisa muito politqueira”, critica Jader, justamente um dos responsáveis pela ampliação da pauta da CPI, ao condicionar sua assinatura à inclusão de denúncias envolvendo o senador Antonio Carlos Magalhães.

Jader também faz sua parte para reverter a pauta da área política, pondo o pé no acelerador da máquina do Senado. Já estão programadas, para depois da Semana Santa, votações de várias emendas constitucionais, entre elas a que trata de filiação partidária e fundos de campanha. “Além disso, vou dar urgência à votação da Lei da S.A.”, diz ele.

Ainda se recuperando dos prejuízos políticos sofridos com a dura refrega com o senador Antonio Carlos Magalhães, o presidente do Senado tenta evitar atritos com outro político explosivo, o governador Itamar Franco. Como parte dessa estratégia, ele diz não ter posição, ainda, sobre candidatura própria do PMDB à presidência em 2002.

“É preciso examinar a questão, num contexto maior, para se saber o que é mais conveniente para o PMDB”, afirma Jader. Ele faz um aceno em favor dos defensores da candidatura própria, ao assinalar que a decisão levará em conta as eleições para o Congresso e para os governos estaduais.

Um dos principais responsáveis pela derrota de Itamar na convenção de 1997 que optou pela coligação que reelegeu Fernando Henrique, Jader reluta em opinar sobre a nova pretensão do governador mineiro de concorrer à presidência pelo PMDB.

“O que for bom para o PMDB terá a minha integral solidariedade”, esquiva-se, deixando aberta, no entanto, a possibilidade de vir a apoiar a candidatura Itamar. Tal hipótese, entretanto, só faz sentido num clima de apaziguamento no PMDB, e não é nesse cenário em que Itamar joga as suas fichas.

Para o governador de Minas, a viabilidade de sua candidatura depende do enfraquecimento do governo e de seus aliados no PMDB, especialmente o senador Jader Barbalho. Isto significa que vêm por aí novas turbulências políticas, tanto para Jader quanto para o governo. Passada uma tormenta, começa outra. Esta parece ser a sina de Jader e FH.

Tambores na muda

Um importante líder do PFL revela a existência de um acordo não escrito entre o Palácio do Planalto e o senador Antonio Carlos Magalhães, pelo qual ACM recolhe seus tambores e o governo segura as demissões de carlistas no segundo e terceiro escalões.

É esperar para ver o que acontece.

Efeito contrário

Paulo Maluf sofre ameaça séria de ficar de fora das eleições de 2002.

Está cheio de provas o processo na Justiça Eleitoral em que ele é acusado, entre outros, de ter tentado tirar proveito eleitoral do dossiê Cayman em 1998.

Se for condenado, Maluf ficará inelegível por bom tempo.